

6ª sessão, 18h | **QUILOMBO**

de Carlos Diegues, 1994. 119 minutos

Apresentação: António Loja Neves (Jornalista e cineasta)

Em torno de 1650, um grupo de escravos se rebelou num engenho de Pernambuco e rumou ao Quilombo dos Palmares, onde uma nação de ex-escravos fugidos resistiu ao cerco colonial. Entre eles, está Ganga Zumba, príncipe africano e futuro líder de Palmares, durante muitos anos. Os palmarinos souberam tirar proveito da luta dos portugueses e holandeses, entre 1621 e 1654, pelo controle de terras brasileiras e aumentaram em muito sua organização criando uma sociedade à parte. Após a expulsão e hegemonia dos portugueses das terras do extremo norte colonial partiu-se para a destruição do maior perigo à empresa açucareira, os quilombos. Palmares por ter mais de 20 mil palmarinos e diversos povoados tornou-se o principal alvo das forças militares dos bandeirantes portugueses e sua sede de sangue e desejo de matança. O filme tem a preocupação de mostrar os três últimos "governos" de Palmares: Acotirene, Ganga Zumba e Zumbi.

9 DE MAIO | Escravatura e Globalização

7ª sessão, 15h

MEMÓRIAS DO CATIVEIRO

de Hebe Mattos e Martha Abreu, 2005. 42 minutos

Apresentação: Ana Paula Tavares (CLEPUL/FLUL) – a confirmar

Baseado no livro Memórias do Cativo - família, trabalho e cidadania no pós-abolição de Ana Lugão Rios e Hebe Mattos, o filme Memórias do Cativo é um produto cultural sem fins lucrativos do LABHOI-UFF desenvolvido com base nos depoimentos orais de camponeses negros nascidos nas antigas áreas cafeeiras do sudeste brasileiro nas primeiras décadas do século XX, descendentes de antigos escravos chegados da África na região durante a primeira metade do século XIX, gravados por diferentes pesquisadores em fita K7 entre 1988 e 1998 e depositados no arquivo oral do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF). O filme edita o som dos depoimentos a partir de coincidências narrativas sobre a memória da escravidão e sobre a experiência familiar dos depoentes ao longo do século XX e entrecruza seus significados com imagens de época da escravidão e da abolição no sudeste cafeeiro. A intertextualidade entre estes dois suportes de memória, o depoimento e a imagem de época, compõe a base do roteiro que orientou a confecção do filme. A esta base, associamos filmagens de novas entrevistas com os depoentes moradores no Quilombo São José, no município de Valença/RJ e de lugares de memória da cultura material e imaterial ligada ao "tempo do cativo" e à cultura do café no Vale do Paraíba (fazendas, senzalas, apresentações de jongo etc). O resultado é um filme que associa cinema de arquivo com a linguagem do filme documental, para contar a história da última geração de escravos do mundo rural fluminense e dos caminhos de seus descendentes ao longo do século XX, bem como da força da memória familiar e da cultura negra entre eles.

NOT MY LIFE

de Robert Bilheimer, 2012. 88 minutos

Apresentação: Diana Andringa (Jornalista e documentarista)

Documentário sobre as redes de escravatura moderna, filmado em cinco continentes, e em doze países, especialmente com crianças e adolescentes, *Not My Life* é o primeiro filme a retratar de forma abrangente as práticas cruéis e desumanas de tráfico de seres humanos e escravidão moderna a escala global. *Not My Life* mostra aos espectadores um mundo onde milhões de crianças são diariamente exploradas, através de uma panóplia de práticas, incluindo trabalho forçado, servidão doméstica, mendicância, turismo sexual, exploração sexual utilizadas como crianças-soldado. A mensagem de *Not My Life* é, em última instância, de esperança. Vítimas de escravidão podem ser libertadas e continuar a viver vidas extraordinárias. Há cada vez mais pessoas a defenderem essas vítimas e de forma cada vez mais eficaz. Nesta encruzilhada da discussão sobre direitos humanos, *Not My Life* diz-nos que é nossa a escolha entre o bem e o mal.

DEBATE E INTERVENÇÃO de Carvalho da Silva (CES Lisboa)

ENCERRAMENTO | Comité Português do Projecto UNESCO *A Rota do Escravo* e Centro de Estudos Sociais – Lisboa

CICLO DE CINEMA

ESCRAVATURA E TRÁFICO DE SERES HUMANOS: ONTEM E HOJE

6 A 9 DE MAIO DE 2013

AUDITÓRIO CES-LISBOA
(Picoas Plaza, Rua do Viriato, Lisboa)



O Comité Português do Projecto UNESCO *A Rota do Escravo* organiza, com o apoio do CES e do CEsa/ISEG, uma mostra de cinema e um espaço de debate sobre as problemáticas da Escravatura, do Tráfico de Seres Humanos e da Globalização, percorrendo caminhos da dominação dos homens desde a velha escravatura moderna às actuais formas de escravidão.

Entrada Livre

organização

Comité Português do Projecto UNESCO

A Rota do Escravo

apoios



6 DE MAIO | Para repensar o tráfico de seres humanos

15h | **ABERTURA APRESENTAÇÃO** do ciclo e intervenção de Isabel Castro Henriques (COMITÉ, FLUL)

1ª Sessão, 16h | **REGRESSO A NACALA**

de Brigitte Martinez, 2001. 75 minutos

Apresentação: Joana Pereira Leite (CEsA/ISEG)

“*Mais de 25 anos depois de a ter deixado, deu-me vontade de voltar a percorrer esta estrada que conheço de cor, a estrada da minha infância...*” A estrada que conduz o filme é a de Nacala, cidade costeira no Norte de Moçambique, na região macua, onde a narradora, filha de antigos colonos, regista os traços da aventura colonial portuguesa e dos da independência, marcada por 16 anos de guerra civil e pela dureza de um regime socialista. Enquanto antigos amigos e alguns jovens lhe falam de uma sociedade hoje democrática, o caminho da narradora aventura-se em direcção ao passado: o dos antigos “assimilados”, rendidos à cultura portuguesa, o de camponeses, de testemunhas ou de vítimas de violências físicas, intelectuais, mas também culturais, impostas pelo socialismo. Passando de uma Rainha macua a um missionário italiano, de uma irmã a um cidadão empenhado em experiências políticas alternativas, o filme propõe uma viagem iluminada por encontros, um balanço da era colonial e pós-colonial recente, fornecendo as chaves para a compreensão do país de hoje.

2ª Sessão, 17h30 | **AMISTAD**

de Steven Spielberg, 1997. 152 minutos

Apresentação: Isabel Castro Henriques (COMITÉ, FLUL)

Em 1839, o navio negreiro espanhol La Amistad, transportando escravos africanos embarcados na Serra Leoa é apanhado por uma violenta tempestade ao largo de Cuba. Os escravos conseguem libertar-se das correntes de ferro e apropriam-se do barco, massacrando a quase totalidade da tripulação. Cinque assume a liderança do grupo de 53 escravos e obriga o capitão do barco a conduzi-los de regresso a África. Este dirige o navio para o litoral dos EUA onde é aprisionado, os escravos sendo encarcerados acusados de assassinato. Enquanto os armadores do navio se batem na justiça americana para recuperar a sua «mercadoria», os defensores dos escravos e o advogado Roger Baldwin recusam a mercantilização e a animalização destes homens, lutando pelo reconhecimento do estatuto de refugiados. Se a batalha jurídica pretende mostrar a natureza democrática dos fundamentos e do funcionamento do sistema judicial americano, para os africanos a questão é só um combate pela liberdade. Baseado num facto verídico, Spielberg utiliza o processo judicial para ‘escrever’ um vigoroso manifesto dos direitos do Homem, pondo em evidência a realidade dramática do tráfico esclavagista. O filme, que gerou polémicas de concepção fílmica – lentidão do discurso, lugares comuns, estética publicitária -, e de exaltação ideológica do abolicionismo e dos valores americanos, permite interrogar afirmações e silêncios que evocam a densidade e a singularidade dos sistemas culturais e sociais africanos.

7 DE MAIO | Rotas do escravo: registos da escravatura I

3ª Sessão, 15h

LA ROUTE DE L’ESCLAVAGE DANS L’OCÉAN INDIEN

de Sudel Fuma, 2007. 65 minutos

Apresentação: Pedro Pereira Leite (COMITÉ, CES)

Uma viagem por lugares da memória para resgatar do esquecimento o tráfico negreiro no Oceano Índico. Este documentário mostra os resultados do projecto da UNESCO, entre 2004 e 2010, que levou á criação de jardins de memória em seis locais ligados entre si pelos laços do trato humano. Madagáscar, Reunião, Moçambique, Maurícias, Mayotte e Pondcherry na Índia. O oceano Índico é hoje um espaço de culturas mestiças. Espaço híbrido que resultou dos intensos movimentos de pessoas e mercadorias que deixaram marcas nos rostos e nos modos de ser e estar das gentes. Uma história feita de sofrimento no passado que este projecto mostra hoje como um grito de liberdade em defesa dos direitos humanos.

DEIXEM-ME AO MENOS SUBIR ÀS PALMEIRAS

de Joaquim Lopes Barbosa, 1972. 85 minutos

Apresentação: Maria Paula Meneses (CES Coimbra)

Filmado no sul de Moçambique, em 1972, está baseado no conto "Dina", incluído na obra Nós Matamos o Cão Tinhoso, do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana. O realizador inspirou-se na obra do poeta angolano António Jacinto, “Monangambé” (Poemas, 1961). O filme denuncia, numa sessão de grandes planos, a situação de exploração colonial em Moçambique. Falado em ronga, este filme foi proibido pela censura colonial, tendo tido uma única ante-estreia no Cineclubes do Porto em 1975, após a queda da ditadura.

4ª sessão, 18h30 | **ILHA DOS ESCRAVOS**

de Francisco Manso, 2008. 100 minutos.

Apresentação: Pires Laranjeira (FLUC)

Baseado no romance *O Escravo*, de José Evaristo de Almeida (1856), a história desenrola-se no século XIX, durante uma revolta de miguelistas exilados em Cabo Verde, e centra-se num triângulo amoroso envolvendo a filha de um fazendeiro, um escravo e um oficial miguelista. O núcleo histórico do filme é um levantamento de tropas, na cidade da Praia, instigado por oficiais desterrados para o arquipélago, em consequência da derrota dos partidários do infante D. Miguel, na guerra civil portuguesa. Os rebeldes, contrariando as suas próprias convicções antiliberais, tentam aliciar para seu campo a população escrava, à falta de outros meios humanos que lhes corporizem os desígnios. Conspiração político-militar por um lado, insurreição de escravos por outro, ambas associadas, mas transitariamente convergentes, e a mistura não podia ser senão explosiva.

8 DE MAIO | Rotas do escravo: registos da escravatura II

5ª sessão, 15h

SÃO TOMÉ: OS ÚLTIMOS CONTRATADOS

de Leão Lopes, 2009. 50 minutos

Apresentação: Inocência Mata (COMITÉ, CEC/FLUL)

Estreado em Fevereiro de 2010 na cidade da Praia, este documentário do cineasta cabo-verdiano Leão Lopes narra dolorosas histórias de vida de cabo-verdianos contratados para as roças de São Tomé durante o colonialismo português e que nunca conseguiram voltar ao país. Processo referido muitas vezes como “emigração”, a partida cabo-verdianos para as roças de São Tomé e Príncipe era uma fuga à fome em Cabo Verde. Referido pelo realizador como “espécie de uma viagem” pela história de Cabo Verde – e de certa “emigração” cabo-verdiana – o filme, que acaba por traçar a história do arquipélago receptor (e das consequências, ainda hoje, do regime colonial do trabalho forçado), narra o drama humano actual das comunidades cabo-verdianas, angolanas e moçambicanas “perdidas” nas ilhas do Equador.

O CONTRATO – O COLONIALISMO PORTUGUÊS NO FIM DO SÉCULO XIX

de Anabela Saint-Maurice, 1999. 50 minutos.

Apresentação: Anabela Saint-Maurice (RTP) – a confirmar

Anabela Saint-Maurice põe em evidência um problema histórico central que marcou o colonialismo português: as formas de trabalho e de exploração da terra nas ilhas de São Tomé e Príncipe. A ocupação das melhores terras do arquipélago pelos colonizadores e a constituição das roças de café e de cacau, nos séculos XIX e XX, contribuiu para consolidar a recusa das populações em trabalhar para o colono. Também a abolição da escravatura no império português e o combate ao tráfico clandestino conduziram a uma penúria de mão-de-obra, que está na origem da angariação de trabalhadores «contratados» para o arquipélago. Conhecidos por «serviçais», estes trabalhadores eram recrutados nas outras regiões do império, como Angola e Cabo Verde, lugares de longa tradição da escravatura. Até 1950, era-lhes imposta a canga depois da «captura», isto é a «contratação», e transportados como escravos para as ilhas do cacau. O «contrato» era a forma jurídica que, assentando num «salário», permitia às autoridades coloniais e aos roceiros adquirir legalmente trabalhadores fora do arquipélago, contornando a ilegalidade da escravatura. Tratava-se de uma ficção contratual e salarial que se deveria concretizar, pelo menos em 50%, no momento do retorno ao país de origem. Nas roças, os serviçais, sujeitos a duras condições de trabalho e chicote, iam permanecendo, vendo o seu «contrato» renovado indefinidamente. Duramente criticado pelos ingleses na primeira década do século XX, em particular por William Cadbury, o regime de trabalho nas roças portuguesas era considerado um sistema de escravatura disfarçada. Rodado numa das mais belas roças do Príncipe, a Sundi, o documentário conta com a utilização de fotografias e de filmes de arquivo, bem como com a participação de historiadores santomenses, portugueses e ingleses.